

Helena Corazza
Joana T. Puntel

Espiritualidade do comunicador

Viver a mística nos
tempos atuais



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Corazza, Helena

Espiritualidade do comunicador : Viver a mística nos tempos atuais / Helena Corazza, Joana T. Puntel. -- São Paulo : Paulinas, 2018. -- (Pastoral da comunicação : teoria e prática. Série dinamizando a comunicação)

ISBN: 978-85-356-4394-7

1. Comunicação - Aspectos religiosos
2. Espiritualidade 3. Misticismo - Cristianismo
- I. Puntel, Joana T. II. Título III. Série.

18-14074

CDD-248.4

Índice para catálogo sistemático:

1. Espiritualidade e mística : Cristianismo 248.4

Direção-geral:

Flávia Reginatto

Editora responsável:

Maria Goretti de Oliveira

Copidesque:

Ana Cecília Mari

Coordenação de revisão:

Marina Mendonça

Revisão:

Sandra Sinzato

Gerente de produção:

Felício Calegaro Neto

Produção de arte

Tiago Filu

1ª edição – 2018

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora. Direitos reservados.

SEPAC – Serviço à Pastoral da Comunicação

Rua Dona Inácia Uchoa, 62 - Bloco A - 2ª andar - Vila Mariana

04110-020 – São Paulo – SP (Brasil)

Tel.: (11) 2125-3540

<http://www.sepac.org.br> – [sepac@paulinas.com.br/](mailto:sepac@paulinas.com.br)

www.paulinas.org.br/sepac / www.paulinas.org.br/sepac

Paulinas

Rua Dona Inácia Uchoa, 62

04110-020 – São Paulo – SP (Brasil)

Tel.: (11) 2125-3500

<http://www.paulinas.com.br> – editora@paulinas.com.br

Telemarketing e SAC: 0800-7010081

© Pia Sociedade Filhas de São Paulo – São Paulo, 2018

Sumário

Introdução	7
Espiritualidade da comunicação	11
O olhar criador de Deus	12
Jesus Cristo, ele comunica o Pai	14
O Espírito Santo e a ação comunicativa	18
Fontes da espiritualidade cristã.....	19
Jesus Cristo, comunicador do Pai	23
Jesus, comunicador do Pai.....	24
Caminho, Verdade e Vida para o Pai	26
A comunicação de Jesus no cotidiano.....	28
Comunicação de Jesus com a mulher.....	30
Consequências para quem segue Jesus comunicador..	33
Maria, comunicadora de Jesus	35
Maria, Mãe e estrela da nova evangelização	36
Maria discípula missionária, editora de Deus	40
Dar Jesus ao mundo, uma missão para o nosso tempo ..	44
A mística de Paulo comunicador	49
Paulo: homem marcado pela luz de Damasco.....	52
Em Paulo, uma relação <i>interna</i> e <i>externa</i>	55
Considerações finais	63
Referências.....	65
Apêndice	69
Rezando a comunicação.....	79

Introdução

Um dos temas que mais despertam a atenção das pessoas, nas mais variadas religiões, é a questão da mística. Alguns a simplificam denominando-a de “espiritualidade”, como é o caso de várias partes desta breve publicação, que não tem interesse em fazer “exegese” sobre a palavra mística e espiritualidade, suas semelhanças ou características peculiares, senão contemplá-las, uma vez que se encontram intrinsecamente ligadas, algo que vem do interior da pessoa e a transcende mediante uma união profunda com o ser superior, em nosso caso, com Deus.

Considera-se *mística* como lugar do encontro. Tem a ver com a cotidianidade das pessoas, nos seus mais variados aspectos. Trata-se da profundidade da relação, da experiência visceral com Deus, que pode acontecer tanto no silêncio de um claustro como pelas ruas do mundo. Claudio H. Lima Vaz, referindo-se a Jaques Maritain, apresenta uma definição para a experiência mística, dizendo que ela consiste basicamente numa “experiência frutiva do absoluto”, isto é, uma experiência de conhecimento, posse e adesão do absoluto.

É neste sentido que este opúsculo sugere viver a espiritualidade do comunicador, levando-o à vivência cotidiana de sua missão, impregnada de interioridade, como requisitos fundamentais de uma atividade comunicadora para os dias atuais. Pois é a mística que leva e envia à ação de evangelizar.

São oferecidas algumas “pistas” que poderão ir ao encontro de como viver a espiritualidade do comunicador como lugar do encontro. O grande encontro que situa o comunicador como *participante na criação* e como *sujeito* do processo comunicativo. O olhar criador de Deus leva a contemplar a acolhida da criação como presente de Deus Criador, e seu projeto de amor faz com que o ser humano se sinta, com o seu trabalho e criatividade, participante e também criador dessa obra. O comunicador prolonga a obra criadora de Deus no mundo, por isso, a inspiração primeira e fundamental na relação com o Criador.

No olhar criador de Deus, o comunicador encontra a importância de contemplar o significado de Jesus Cristo que comunica o Pai, o Espírito Santo, como elo da comunicação entre o Pai e o Filho, o grande inspirador, a fonte de vida que fecunda a ação evangelizadora.

A reflexão seguinte, centrada em Jesus Cristo comunicador, que se revela Caminho, Verdade e Vida, evoca o sentido da Encarnação como ponto de ligação, contato, entre o Deus invisível e o ser humano. Assumindo a condição humana, ou seja, fazendo-se gente, um de nós, passando pela mesma experiência de ser gestado no corpo da mãe, aprender a falar, a conviver, a rezar, a falar a língua do seu povo, Jesus se insere na comunidade humana. Essa experiência faz ele aprender a falar do Pai, a ser a imagem do Deus invisível, que ele tão bem conhece. Esta é a grande novidade que Jesus quer comunicar: o Pai. Pela sua encarnação, Jesus “desce” e faz parte da história humana. Insere-se na cultura, fala a língua do seu povo, serve-se dos recursos e linguagem dessa cultura. As palavras, os gestos, o silêncio, as narrativas são suas formas de comunicação. E, assim, ele entra no cotidiano das pessoas, sem separar o sagrado do profano.

Seguir Jesus comunicador é estar diante do modelo máximo, do protótipo da verdadeira comunicação.

Maria, mãe e discípula, é também comunicadora de Jesus. Além de ser parte integrante da espiritualidade cristã, há nela uma particularidade essencial que faz o comunicador olhá-la como mãe do Filho e sua seguidora. Como discípula, Maria “é a missionária que se aproxima de nós, para nos acompanhar ao longo da vida, abrindo os corações à fé com o seu afeto materno” (EG 286). Por isso, ela é mãe e estrela da nova evangelização, a qual dá e aponta o caminho para o grande comunicador, Jesus. Como Maria o comunicou, ela torna-se, por esse motivo, uma “estrada” a ser percorrida.

Também a mística de Paulo, um comunicador, nos leva à profundidade do que significa um processo de relação íntima com o Mestre Jesus até chegar ao “Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim” (Gl 4,20). O processo de assimilação de uma identidade cristocêntrica, assumida por Paulo, o faz viver permanentemente no Espírito que o habita e que abre seus olhos para as realidades necessitadas do Evangelho. Um “facho” de luz que exigiu e o acompanhou por toda a vida, indicando-lhe a direção, o como comunicar Jesus, nas mais diversas situações. Paulo seguiu o Espírito que o movia. A evangelização nascia, então, como consequência de um movimento interior na vida de Paulo.

Espiritualidade da comunicação

A espiritualidade é um aspecto central para o cristão, as pastorais e, sobretudo, para os agentes da Pastoral da Comunicação (Pascom), pois ela é a seiva que dá vida aos ramos. “Sem a prática e a vivência da espiritualidade, o comunicador esvazia-se, fragiliza-se como sujeito e torna-se vulnerável às dificuldades que se apresentam ao longo do caminho.”¹

Como a comunicação é, por natureza, relacionamento, comunhão, partilha, assim é a espiritualidade. E a Palavra de Jesus é viva: “Sou eu a videira; vós os ramos. Permanecei no meu amor” (Jo 15,5). Como ação voltada para o outro, em favor de alguém, a comunicação é uma ação que influencia as outras pessoas, por isso, se coloca a serviço da vida: “Eu vim para que todos tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10).

Da mesma forma que a comunicação é entendida como algo que envolve a pessoa toda, chamada a construir e promover processos relacionais, assim ocorre com a espiritualidade. Ela precisa envolver a pessoa por completo, em todos os seus aspectos e relações: consigo mesma, o espírito e a corporeidade; com os

¹ CNBB. *Directorio de comunicação da Igreja no Brasil*, doc. 99, n. 253.

outros, Deus, a sociedade, a cultura e o meio ambiente. Estes elementos fazem parte de uma mesma realidade e se integram. Dessa forma, compreende-se e pode-se dizer do ser humano: não apenas tenho um corpo, sou um corpo; não apenas faço comunicação, sou comunicação; não apenas rezo, sou uma pessoa unida e marcada pelo amor de Deus; o meio ambiente é a casa comum, por isso, sou chamado a colaborar na obra da Criação, hoje.

Uma espiritualidade da comunicação inspira-se e alimenta-se na relação trinitária, sob o olhar criador de Deus, em Jesus Cristo, comunicador do Pai, e no Espírito Santo, que fecunda toda a ação criadora e comunicativa do Pai, em Jesus Cristo.

O olhar criador de Deus

A comunicação insere-se na obra criadora de Deus, pois, a partir da criação, o ser humano passou a ser *participante dessa criação e sujeito* do processo comunicativo. Todo o empenho na descoberta das novas tecnologias, no campo da comunicação, é visto como colaboração na obra de Deus. O olhar de criaturas colocadas num “jardim” para serem felizes e colaborarem para que, nesta casa comum, o meio ambiente, a obra da Criação continue e, sobretudo, *seja cuidada*, faz do ser humano participante da obra do Criador.

Quando Deus criou o mundo, o meio ambiente, os animais, fez também o homem e a mulher como seres em relação e disse-lhes: “dominai a terra” (Gn 1,26-28). É no espírito de continuidade da obra da criação que continuam sendo vistos todos os progressos da cultura e da ciência. Neste sentido, a Instrução pastoral *Communio et Progressio* (CP), recordando *Gaudium et*

Spes (GS), coloca a comunicação como obra do Criador, que continua sendo criada e recriada pelas mãos humanas. Dessa forma, cada pessoa, unida a seus irmãos, coopera nos desígnios que Deus tem para a história, sendo como que conduzida pela mão divina.²

A criação do homem e da mulher como imagem e semelhança de Deus, como seres relacionais, é ponto fundamental que não se pode perder de vista:

O ser humano aparece como “alguém”, como “sujeito”. De um lado, é criatura e como tal depende do Criador plenamente. Porém, ele recebe a faculdade de decidir livremente. O ser humano tem capacidade para tomar suas decisões. Com isso, ele não aparece como objeto, e sim como “sujeito” que pode dar sentido às coisas.³

Nessa capacidade de dar sentido às coisas e à vida, ao cotidiano, o ser humano aparece como ser que tem “interioridade”, isto é, dotado de capacidade de decisões livres.

A acolhida da criação como presente de Deus Criador e seu projeto de amor fazem com que o ser humano se sinta, com o seu trabalho e criatividade, participante e também criador dessa obra. Por outro lado, ao abusar de sua liberdade, buscando esse presente somente para si ou fechando-se em sua solidão e egoísmo, tendo por objetivo apenas o lucro, ele se autodestrói, deixando de favorecer processos em favor da vida e da solidariedade.

² PAULO VI. Constituição pastoral *Gaudim et Spes*, sobre a Igreja no mundo de hoje, novembro de 1965, n. 36.

³ YSERN. *Elementos básicos para una pastoral de la Informativa y de las nuevas tecnologías de la comunicación social*. Brasília, 1995.

Surge, assim, a reflexão sobre como este enfoque da participação do ser humano na obra criadora de Deus pode iluminar os caminhos da comunicação, hoje, nos elementos essenciais e processos, tendo como foco o ser humano enquanto sujeito desse processo relacional. Uma das questões a serem levantadas é a da relação do ser humano com o meio ambiente e com os espaços da comunicação. Mais do que nunca esse “jardim”, essa “casa comum” precisa de cuidados, isso envolve tanto a natureza e o que é comum para o bem viver quanto o cuidado com a comunicação visual e sonora nos espaços, para que despertem o bem, favoreçam a vida e o bem-estar a todos.

Jesus Cristo, ele comunica o Pai

A história da salvação é a história da comunicação de Deus com o ser humano. O estudo das Escrituras mostra como Deus mantém diálogo constante com o seu povo. Ele o convida a participar de sua obra criadora, caminha com ele e ilumina seu caminho no deserto, fala por meio dos profetas. “Quando, porém, veio a plenitude do tempo, Deus enviou o seu Filho, nascido sob a Lei” (Gl 4,4). Dessa forma, para falar a mesma língua dos seres humanos, para dialogar e se fazer entender, Jesus se encarnou, se tornou humano. “E a Palavra se fez carne, e armou sua tenda entre nós, e vimos a sua glória, glória como do Unigênito, pleno de graça e verdade” (Jo 1,14).

Para poder comunicar-se com as pessoas, Jesus se faz homem, num tempo datado e num lugar geográfico. Dessa forma, ele mostra o rosto de Deus ao seu povo e se torna comunicador do Pai. Quando os discípulos dizem “nós não sabemos o caminho... mostra-nos o Pai”, Jesus responde: “Sou eu o Caminho,

a Verdade e a Vida. Ninguém vai ao Pai a não ser por mim” (Jo 14,6). É a partir da Encarnação que Deus se aproxima, ainda mais, do ser humano, na pessoa do Filho, “imagem do Deus invisível” (Cl 1,15). O Verbo se encarna, entra na história para fazer história com o seu povo. Esse dado possibilita a reflexão e o cultivo de uma espiritualidade da comunicação centrada na pessoa de Jesus, que se comunica a partir da vida, do cotidiano. Um Jesus encarnado que se relaciona e fala a partir de uma realidade vista, vivida, experimentada com o povo, fala a sua língua e anuncia o Reino de Deus.

A partir do Concílio Vaticano II, sobretudo, a Igreja centra seu olhar na comunicação de Jesus que, pela sua Encarnação, fez-se semelhante àqueles que haviam de receber sua mensagem, que ele comunicava com a palavra e com a vida. “Não falava como que ‘de fora’ mas ‘de dentro’, a partir do seu povo... adaptava-se à sua mentalidade.” Durante a sua permanência na terra, Cristo manifestou-se como perfeito comunicador. Pela “Encarnação” fez-se semelhante àqueles que haviam de receber a sua mensagem, mensagem que comunicava com a palavra e com a vida. Não falava como que “de fora”, mas “de dentro, a partir do seu povo; anunciava-lhe a Palavra de Deus [...] com coragem e sem compromissos”. Jesus “adaptava-se à sua linguagem e mentalidade, encarnado como estava, na situação, a partir da qual falava”. Entretanto, “comunicar não é apenas exprimir ideias ou manifestar sentimentos”. É o próprio Cristo que ensina: a comunicação “no seu mais profundo significado é doação de si mesmo, por amor”. Daí que “a comunicação de Cristo, é Espírito e Vida”.⁴

⁴ Cf. Instrução pastoral *Communio et Progressio*, sobre os meios de comunicação social, n. 11.

Para viver em profundidade a prática de Jesus, é preciso compreender esta visão integrada do ser humano que ele anuncia para responder aos anseios da pessoa. Recordando a história, no início do século XX, diante das mudanças que ocorriam na sociedade, também no campo das comunicações, o Papa Leão XIII escreve uma carta encíclica onde propõe um desenvolvimento integral da pessoa e pede que a vida seja centrada em Jesus Cristo Caminho, Verdade e Vida, salvação para a humanidade.⁵

O jovem Tiago Alberione, hoje bem-aventurado, bebeu nesta fonte da carta do papa, estudando-a no seminário, e ficou tocado com a expressão “Caminho, Verdade e Vida”. Ele diz: “Senti como revelação, entendi que esta prática envolvia a vida da pessoa e senti o desejo de que todos conheçam, pratiquem e vivam esta devoção”. Dessa forma, Alberione, o fundador da Família Paulina, motivado por essa palavra do papa, a assumiu não só como inspiração, mas como método da espiritualidade para os tempos modernos. Uma espiritualidade que tenha em conta o desenvolvimento integral da pessoa espelhando-se no Mestre.

Jesus Mestre Caminho, Verdade e Vida é uma proposta de espiritualidade que envolve a pessoa no seu todo. O aspecto antropológico, contemplado na prática da comunicação, também está presente na espiritualidade. O ser humano está a *caminho* de mais vida para si mesmo e para a sociedade; busca conhecer a *verdade* e vivê-la em si mesmo e no contexto que o cerca; busca sentido para a sua *vida* e para os acontecimentos no tempo, ou seja, aqui e agora, e para o depois, a eternidade.

⁵ LEÃO XIII. Carta encíclica sobre o Cristo Redentor, *Tametsi Futura*, 1^a de novembro de 1900.

Na compreensão de uma espiritualidade onde o ser humano se encontra como criatura, na pessoa de Jesus que o toma por inteiro – na inteligência, na vontade, nos sentimentos – e de que, em Jesus Cristo, encontra as respostas e o caminho de felicidade, isso é algo que o preenche.

Essa é uma espiritualidade integral e integradora, própria para a época da comunicação global, porque é expressão da totalidade do mistério do Filho de Deus e porque atinge a totalidade da pessoa humana: mente, vontade, sentimentos, corpo. Alberione diz: “A pessoa integral em Cristo para um amor total a Deus: inteligência, vontade, emoções, afetividade, forças físicas. Tudo: natureza, graça e vocação para o apostolado”.⁶

E falando da espiritualidade para os comunicadores e comunicadoras cristãos, a Igreja do Brasil, no documento da CNBB 59, propõe:

Desenvolver a espiritualidade do comunicador cristão que se fundamenta no exemplo de Jesus Cristo que, ao optar por um processo inculturado e dialógico de comunicação, possibilitava ao povo que o ouvia e com ele convivia, a inefável ventura de rever a comunicação de Deus Pai, fonte de toda verdade, amor, perdão e comunhão, como também a descoberta de Deus no mundo e a criação da consciência crítica junto aos receptores de sua mensagem.⁷

⁶ ALBERIONE. *História carismática da Família Paulina*, p. 67.

⁷ CNBB. *Igreja e comunicação rumo ao novo milênio*, n. 2.

O Espírito Santo e a ação comunicativa

O Espírito é o dom gratuito do Pai pelo Filho, que fecunda toda ação comunicativa e age a partir da interioridade. Ele é o agente central da comunicação e a ele estão associados o amor e a comunhão. O Espírito é o agente central da comunicação de Deus com o ser humano, da comunhão na Igreja e da atividade missionária, enquanto animador da atividade comunicativa e evangelizadora da Igreja.

É, ao mesmo tempo, o elo da comunicação entre o Pai e o Filho, vértice do amor que culmina na comunicação. Ele é o amor, a fonte de vida que fecunda a ação evangelizadora e missionária da comunhão fraterna, da superação dos obstáculos de uma comunicação que se coloca em favor da vida. É ele também que move os corações para o perdão, o respeito e o amor fraternos, inclusive nos momentos em que os relacionamentos se tornam mais difíceis.

Na comunidade cristã, o Espírito Santo é o agente da comunicação e da comunhão, pois ele tem a missão de guiar, ensinar, inspirar para o conhecimento e o exercício da verdade, como diz Jesus no Evangelho de João: “Mas o Defensor, o Espírito Santo que o Pai enviará em meu nome, este vos ensinará todas as coisas e vos recordará tudo o que eu vos disse” (Jo 14,26); “Quando vier o Espírito de verdade, este vos conduzirá em toda a verdade” (Jo 16,13). O Espírito, portanto, ensina, recorda, instrui, comunica, faz compreender, leva ao conhecimento da verdade, requisitos fundamentais de uma atividade comunicativa para os discípulos missionários da comunicação, na comunidade cristã e na sociedade.

Fontes da espiritualidade cristã

A espiritualidade cristã alimenta-se na seiva da Palavra de Deus e na Eucaristia celebrada comunitariamente. A Palavra e a Eucaristia são fontes, mananciais que saciam a fome e a sede de Deus, de cada ser humano no ontem e no hoje da história.

A missão da Igreja deriva da Palavra de Deus e é confiada a cada batizado. A consciência missionária, desde os primórdios da comunidade cristã, se apoia no anúncio da Palavra de Deus. “É necessário descobrir cada vez mais a urgência e a beleza de anunciar a Palavra para a vinda do Reino de Deus, que o próprio Cristo pregou”.⁸ A Palavra é o próprio Cristo, que se encarna, vive com o seu povo, anuncia o Reino de Deus, como imagem do Deus invisível, tornando conhecido e amado o rosto misericordioso do Pai. “Todos nos damos conta de quão necessário é que a luz de Cristo ilumine cada âmbito da humanidade: a família, a escola, a cultura, o trabalho, o tempo livre e os outros setores da vida social.”⁹

A Palavra de Deus é alimento e desafia uma comunicação que seja viva e eficaz, uma comunicação cuja linguagem faça parte do mundo do interlocutor. Daí a necessidade de traduzir os conceitos teológicos e catequéticos para a linguagem do cotidiano. As expressões: “E a Palavra se fez carne e armou sua tenda entre nós” (Jo 1,14), “Ele é a imagem do Deus invisível” (Cl 1,15), remetem ao mistério da Encarnação em que Deus vem ao nosso encontro e ao empenho de uma comunicação que não seja palavra vazia, mas esteja apoiada na experiência.

⁸ BENTO XVI. Exortação apostólica pós-sinodal *Verbum Domini*, n. 92.

⁹ *Ibid.*, n. 93.